

Entenda a doença que levou à morte do ex-boxeador Maguila

Especialista alerta para os riscos da demência pugilística e sua prevenção

Por Yan Vittor Souza

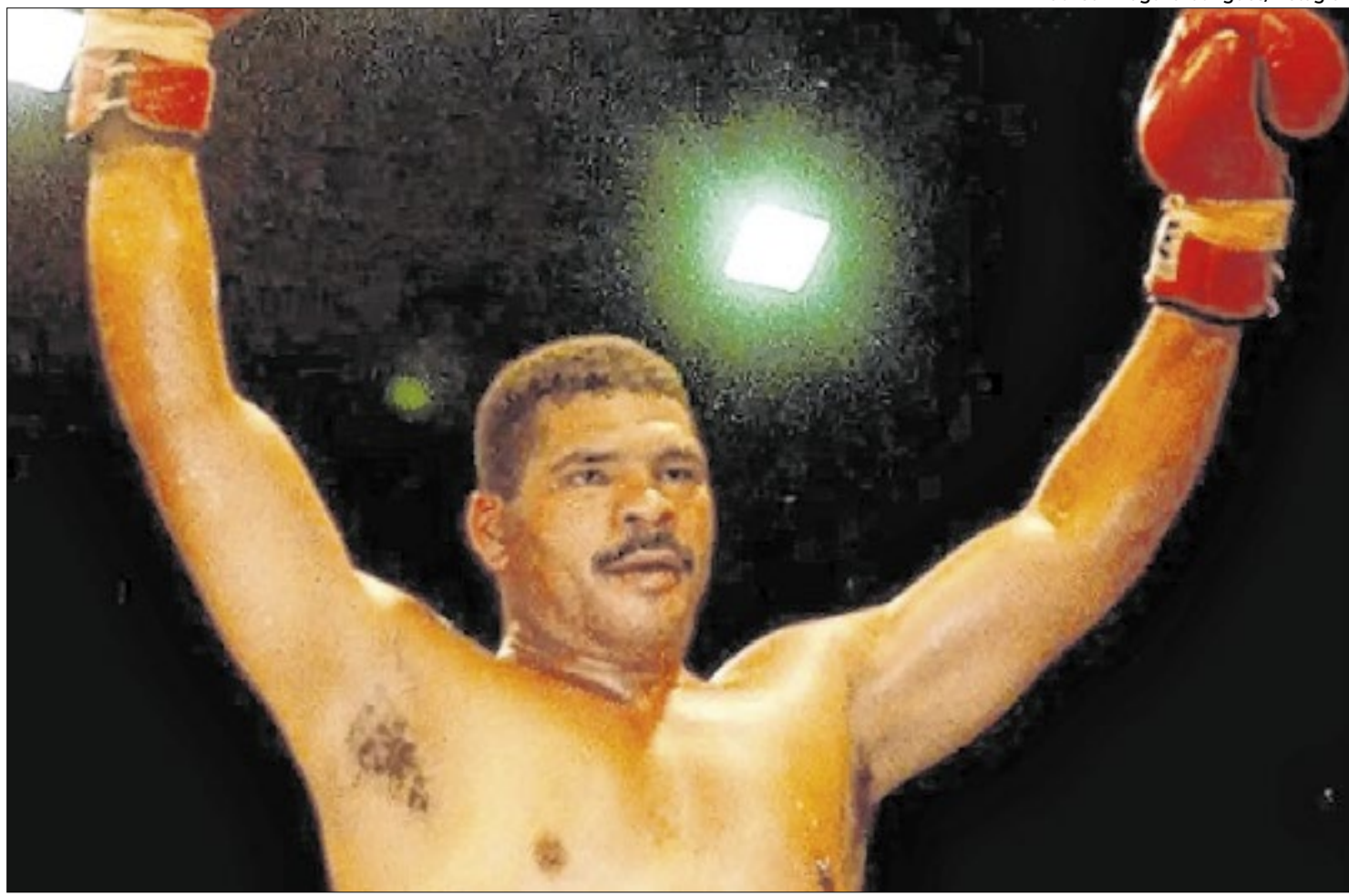
José Adilson Rodrigues dos Santos, mais conhecido como Maguila, foi um boxeador profissional que competiu entre 1983 e 2000. Em razão das pancadas na cabeça que sofreu ao longo dos 17 anos de carreira, ele desenvolveu a demência pugilística, o que levou o Brasil a se despedir de um de seus maiores boxeadores da história em 24 de outubro de 2024, aos 66 anos.

A fim de compreender melhor a doença que afetou Maguila e tantos outros pugilistas, o Correio da Manhã entrevistou o neurologista do Hospital de Base de Brasília (HBDP), Maciel Pontes, para esclarecer os aspectos médicos e preventivos relacionados à condição.

O que é a demência pugilística

A encefalopatia traumática crônica (ETC), como é nomeada pela medicina, se deve ao dano neurológico que acontece no cérebro decorrentes de anos de impacto repetidos no crânio. Esses impactos acumulados acabam por danificar o tecido cerebral, causando uma série de sintomas neurológicos e cognitivos com o passar do tempo. A intensidade, a frequência e a duração da carreira no boxe influenciam diretamente o risco de desenvolvimento da doença.

O médico explica o que diferencia a demência pugilística de outros tipos de demência: “Ao contrário do



adilsonmaguilarodrigues/Instagram

Como boxeador profissional, Maguila competiu entre 1983 e 2000

Alzheimer, que envolve o acúmulo de placas beta-amiloides e emaranhados neurofibrilares, a ETC está mais associada a danos físicos diretos e pode apresentar maior incidência de alterações comportamentais, como agressividade e impulsividade”.

Sinais e sintomas

O doutor relata ainda alguns sinais a respeito da doença: “Sinais precoces de demência em pugilistas podem incluir mudanças de comportamento, como irritabilidade, impulsividade e perda de controle emocional, além de dificuldades de con-



Maciel Pontes/Imprensa

Maciel Pontes, médico neurologista do Hospital de Base de Brasília

centração e perda de memória recente. Esses sintomas podem surgir ainda durante a carreira do atleta, especialmente se houver histórico de várias concussões.”

Exames e monitoramento

Exames de imagem e monitoramento constante da saúde cerebral são fundamentais para o acompanhamento dos pugilistas ao longo de suas carreiras. Segundo o neurologista, exames como a ressonância magnética funcional (fMRI) e a tomografia por emissão de pósitrons (PET) são eficazes para identificar

alterações estruturais e metabólicas no cérebro. Além disso, testes neuropsicológicos periódicos podem ajudar a detectar mudanças cognitivas e comportamentais. Biomarcadores específicos do líquido cefalorraquidiano — fluido corporal que circula pelo sistema nervoso central — e exames de sangue também podem ser utilizados para complementar o monitoramento.

Prevenção e proteção

Sobre a prevenção da doença e medidas cautelares que podem ajudar a minimizar o risco de demência pugilística, o doutor ressalta a importância do uso de capacetes acolchoados durante treinos, bem como melhorias nos regulamentos para reduzir o número de golpes na cabeça. Períodos de descanso obrigatórios entre lutas e a educação sobre os riscos do boxe também são recomendados. No entanto, a proteção oferecida pelos capacetes durante as lutas é limitada devido à natureza do esporte.

Outros casos

Além de Maguila, outros atletas também enfrentam a doença, com casos famosos como os de Éder Jofre e Muhammad Ali. O também Brasileiro e ex-boxeador Éder Jofre, considerado o “Pelé do boxe”, faleceu no ano de 2022 em virtude da Encefalopatia Traumática Crônica. Outro caso conhecido é o de Muhammad Ali, falecido em 2016, vítima da mesma causa que assombra os pugilistas.

Diabetes aumenta risco de derrame cerebral

Pexels/ Artem Podrez

Novembro Diabetes Azul é o mês de atenção mundial à doença que atualmente atinge 16 milhões de brasileiros, de acordo com dados do Ministério da Saúde. É caracterizada pelo aumento dos níveis de açúcar no sangue, o Diabetes tipo 2 - o mais prevalente - é associado principalmente a fatores de estilo de vida, como sedentarismo, alimentação inadequada e obesidade. A doença não controlada pode afetar o funcionamento de diversos órgãos e levar à condições que comprometem ainda mais qualidade de vida dos pacientes, como asma, disfunção erétil e outras que podem até mesmo levar à morte. É o caso do Acidente Vascular Cerebral (AVC), doença que atualmente é a principal causa de morte no Brasil e que vem atingindo um número cada vez maior de pessoas.

De acordo com o estudo Golden Burden of Disease, uma em cada quatro pessoas terá AVC ao longo da vida. Atualmente, 25% são vítimas fatais e 70% ficam com alguma seqüela. O mesmo estudo, porém, aponta que 90% dos AVCs poderiam ser evitados com hábitos saudáveis e cuidados básicos com a saúde. “É uma condição que pode levar à morte ou deixar graves seqüelas, mas que poderia ser evitada, portanto precisamos aproveitar cada campanha, cada oportunidade para



Doença potencializa o risco de AVC, que pode deixar seqüelas ou levar à morte

alertar à população”, ressalta o neurocirurgião membro titular da Sociedade Brasileira de Neurocirurgia, Orlando Maia, o especialista.

Obesidade e Sedentarismo são fatores de risco

De acordo com estudo publicado na revista científica The Lancet Neurology, o número de AVCs cresceu 70% nos últimos 31 anos e, ainda no mesmo estudo, ficou evidente que a obesidade e o dia-

betes foram responsáveis pela maioria dos casos - em 88% dos casos os pacientes eram obesos e em 32% dos casos eram diabéticos ou pré-diabéticos. Orlando Maia, que também é membro da Câmara Técnica de Neurocirurgia do Rio de Janeiro, alerta que outros fatores de risco para o AVC são tabagismo, consumo excessivo de álcool, doenças cardíacas, hipertensão arterial, estresse, dieta de baixa qualidade e sedentarismo.

Este último fator, além de

também estar relacionado ao diabetes, tem sido apontado como responsável pelo aumento em 15% do número de AVCs em pessoas jovens. “Não é coincidência que também vemos um aumento de diabetes em jovens. Sedentarismo, alimentação ruim e obesidade estão de mãos dadas e são fatores de risco para as duas doenças”, comenta Orlando Maia. “A troca das atividades físicas pelas telas dos celulares, computadores e TVs é um fator importan-

te a se considerar. E por isso, precisamos mais do que nunca nos engajar nesse movimento pela saúde”, destaca o neurocirurgião.

Glicose é usada pelo cérebro

A glicose é fundamental para o funcionamento do cérebro, usada como combustível dos neurônios, porém quando os níveis de açúcar se encontram elevados podem ocasionar danos cerebrais. “O AVC é de maior risco para

peças com diabetes, pois a falta dessa regulação de glicose causa lesões em diversos tecidos do corpo, vasos e órgãos. Essas lesões e inflamações aumentam as chances de entupimento por causa de coágulos que se formam nos vasos. Caso afete algum tecido que irriga o cérebro, pode gerar um AVC isquêmico”, explica o neurocirurgião Orlando Maia.

“A cada um minuto sem circulação de sangue no cérebro, perde-se 15 milhões de neurônios. Por isso, quanto mais rápido o socorro, em até 4,5 após os sintomas, menores são as chances do paciente ter seqüelas”, acrescenta o neurocirurgião. Os médicos destacam que é importante controlar os níveis de glicose, ter acompanhamento médico, sobretudo, quem tem casos da doença na família, e praticar hábitos saudáveis, tanto para prevenir, quanto para diagnosticar precocemente.

O tratamento para o diabetes tipo 2 é baseado em mudanças no estilo de vida, incluindo dieta equilibrada, atividade física regular e perda de peso. No entanto, em alguns casos, medicações orais, ou insulina podem ser necessárias. A doença é facilmente detectada em exames de sangue que medem os níveis de glicose no sangue de rotina, que devem ser feitos anualmente”, lembra Orlando Maia.